

Março quebra “bruxedo”, com os mercados a fechar no verde

Após dois meses consecutivos (janeiro e fevereiro) em que os mercados acionistas registaram avanços importantes ao longo do mês, só para verem grande parte desses ganhos desvanecer-se nas últimas sessões de negociação, março conseguiu quebrar este “enguiço” fechando com as bolsas em alta! Os principais mercados fecharam assim o mês, próximo de máximos absolutos ou relativos, liderados pelas empresas de setores mais cíclicos o que catapultou vários índices europeus para o topo da lista das melhores performances de 2021. Estes resultados parecem confirmar a mudança de paradigma no qual o rally dos mercados acionistas, que até novembro foi liderado pelas empresas tecnológicas, mais conectadas com o estilo “growth”, passou agora a focar-se em empresas / setores mais tradicionais e expostos ao ciclo económico, que foram muito penalizados no período mais crítico da pandemia.

Na vertente macroeconómica, março ficou marcado por uma melhoria generalizada dos indicadores avançados atividade, com os principais blocos económicos a dar sinais importantes de recuperação da atividade económica e até mesmo o Japão, que tem provado ser, sistematicamente nos últimos dois anos, uma das geografias mais débeis, obteve algumas notícias positivas.

Os principais Bancos Centrais também começam a adotar uma tónica genericamente mais otimista nas suas comunicações relativamente às perspetivas de evolução das suas economias. O Banco Central do Canadá, por exemplo, anunciou que não renovará os programas (de estímulo monetário) de emergência lançados imediatamente após o início da pandemia há cerca de um ano atrás e deixará esses planos expirar (não planeando, contudo, a venda de quaisquer ativos que foram comprados e estão agora no seu balanço). Outros, com destaque para a Reserva Federal dos EUA (FED), anunciaram o fim / aliviar de algumas das restrições impostas à banca durante a pandemia (impossibilidade de distribuição de dividendos e compra de ações próprias) desde que os bancos apresentem resultados satisfatórios nos stress tests que em breve serão realizados aos seus balanços. Note-se ainda que a FED reviu em alta as estimativas para o crescimento do PIB Norte-Americano em 2021 de 4.2% (estimados em dezembro) para 6.5%! No entanto, apesar destas notícias animadoras, os responsáveis da FED também vincaram que não têm quaisquer intenções de subir as taxas de juro nos trimestres mais próximos, nem pretendem reduzir o seu programa de compra de ativos, mantendo assim inalterada a sua política monetária ultra acomodatória até 2023!

No mesmo sentido, mas com um discurso mais agressivo, temos o Banco Central Europeu que anunciou que, não só manterá o status quo, como pretende mesmo aumentar “significativamente” as compras de ativos no âmbito do Programa de Emergência Pandémica nos próximos meses, de forma a tentar estimular as economias europeias que têm apresentado desempenhos desalentadores quando comparadas com os EUA. Contudo, há também sinais que alguns Bancos Centrais estão a começar a ficar desconfortáveis com os níveis extremamente baixos das taxas de juro, tendo em consideração as pressões inflacionistas cada vez mais fortes, nomeadamente o Banco Central da Noruega que, apesar de manter inalterada a sua taxa de juro de referência nos 0.0%, espera começar a subir taxas já na segunda metade deste ano; ou o Banco Central do Brasil que adotou uma abordagem mais agressiva e subiu a sua taxa de referência dos 2% para os 2.75%, numa tentativa de controlar as expectativas de inflação.

Ainda no segmento dos bancos centrais, destaque para inesperada substituição do governador do Banco Central da Turquia, por decreto presidencial, o que gerou uma grande turbulência nos mercados financeiros turcos, com a lira turca a afundar (mais) 17% em relação ao dólar na sequência da notícia.

Relativamente a política orçamental, Joe Biden viu o seu gigantesco programa de estímulos de cerca de 1,9 biliões de dólares (mais de 1,5 biliões de euros) ser aprovado no Congresso. Mas ainda este plano está numa fase inicial de implementação, a Administração Biden já prepara um novo programa de infraestruturas “The American Jobs Plan”, que deverá ter um orçamento de 2 biliões de dólares, mas que será financiado parcialmente por capitais privados e através de um aumento dos impostos para as empresas.

No que toca ao importantíssimo tema dos processos de vacinação, há uma grande heterogeneidade nos desempenhos dos diversos países, com Israel a liderar com mais de 50% da sua população totalmente vacinada (com duas doses). Outras geografias como os EUA e o Reino Unido também avançam a passos largos para a meta da imunidade de grupo contudo, na União Europeia, não só o processo de vacinação é claramente mais lento, como durante o mês de março surgiu a novela relativamente à vacina da AstraZeneca, o que levou muitos Estados Membros como Portugal, Alemanha, Espanha e França, a decidir suspender temporariamente a sua administração devido a potenciais efeitos secundários graves como a formação de vários tipos de coágulos sanguíneos, com alguns casos de morte. A Agência Europeia do Medicamento foi forçada a emitir um comunicado a confirmar a

segurança da vacina, afirmando que os benefícios da sua toma mais que superam quaisquer riscos. Quando parecia que o tema estava esgotado, as autoridades alemãs (e canadianas) decidiram restringir o uso da vacina em pessoas com menos de 60 anos (ou 55 no caso do Canadá), novamente com preocupações sobre a formação de coágulos sanguíneos incomuns relatados por aqueles que receberam as injeções. No entanto, não seria surpreendente continuarmos a observar um fluxo noticioso relevante sobre esta matéria. Finalmente, não podemos deixar de referir o Brasil onde a evolução da pandemia está descontrolada e o sistema de saúde colapsou. A somar aos problemas provocados pela pandemia, o país vive dias atribulados na vertente política com o presidente Bolsonaro a promover mudanças no seu governo (mudança de 6 ministros, incluindo o Ministro da Defesa) que levaram à demissão (inédita) simultânea dos comandantes dos três ramos das forças armadas. Outro tema de relevo foi a libertação do ex-Presidente Lula da Silva, que recuperou os seus direitos políticos, podendo assim candidatar-se à presidência do país nas próximas eleições.

Os mercados financeiros estão a mostrar muita solidez e os principais índices acionistas parecem preparados para fazer novos importantes avanços nas próximas semanas, particularmente na Europa, suportados pela expectativa de reaceleração das economias e boas notícias relativamente à evolução da pandemia e da vacinação, mas é importante não esquecer que esta situação continua a ser um importante foco de incerteza. Acreditamos que o posicionamento e as estratégias adotadas na generalidade das carteiras, que nos possibilitaram alcançar resultados muito sólidos e positivos no primeiro trimestre de 2021, nos permitirão continuar a capitalizar e obter ganhos relevantes para os nossos clientes nas próximas semanas, embora mantendo sempre uma total atenção aos desenvolvimentos para reagir caso surja qualquer contrariedade que conduza a uma alteração do momentum do mercado.

Mercado Acionista

Índice	Fecha	MTD	YTD	Var.-1Y	Var.-3Y	Var.-5Y
MSCI Europe	142,36	6,09%	7,77%	32,57%	13,88%	25,29%
MSCI World	244,29	6,49%	8,81%	41,68%	42,44%	65,41%
Eurostoxx 50	3 323,18	6,36%	6,91%	21,71%	12,06%	19,10%
Eurostoxx 600	429,60	6,08%	7,66%	34,22%	15,84%	27,27%
DAX	15 008,34	8,86%	9,40%	51,05%	24,07%	50,60%
CAC40	6 067,23	6,38%	9,29%	38,01%	17,42%	38,36%
IBEX35	8 580,00	4,32%	6,27%	26,45%	-10,63%	-1,64%
PSI	4 929,60	4,84%	0,64%	21,13%	-8,81%	-1,81%
AEX	699,85	7,46%	12,05%	44,76%	32,17%	59,02%
FTSE100	6 713,63	3,55%	3,92%	18,37%	-4,86%	8,72%
MIB	24 648,56	7,88%	10,87%	44,56%	9,98%	36,05%
OMX	2 192,86	9,10%	16,97%	47,92%	42,82%	49,73%
SWISS	11 047,37	4,99%	3,21%	18,64%	26,39%	41,49%
S&P500	3 972,89	4,24%	8,34%	19,61%	41,62%	77,48%
DOW JONES	32 981,55	6,62%	7,76%	50,48%	36,84%	86,49%
NASDAQ	13 091,44	1,41%	1,58%	67,55%	98,92%	191,98%
Nikkei225	29 178,80	0,73%	6,32%	54,25%	37,90%	74,11%
HANG SENG	28 378,35	-2,08%	4,21%	20,23%	-5,70%	36,59%
IBOVESPA	20 689,82	5,12%	-9,87%	47,51%	-19,89%	48,42%

Câmbios

Par Cambial	Fecha	MTD	YTD	Var.-1Y	Var.-3Y	Var.-5Y
EUR/USD	1,18	-2,58%	-3,69%	6,65%	-4,38%	3,37%
EUR/GBP	0,85	-1,48%	-4,42%	-3,84%	-2,63%	7,83%
EUR/CHF	1,11	0,76%	2,26%	4,23%	-6,05%	0,99%
EUR/NOK	10,04	-3,88%	-4,05%	-12,53%	4,12%	6,76%
EUR/JPY	129,20	0,47%	2,41%	8,88%	-1,29%	0,88%

Commodities

Futuros	Fecha	MTD	YTD	Var.-1Y	Var.-3Y	Var.-5Y
Brent	64,98	-1,74%	25,44%	185,75%	-7,53%	64,09%
Crude	61,56	0,10%	26,88%	200,59%	-5,20%	60,56%
Ouro	1 712,10	-0,93%	-9,56%	8,13%	29,43%	38,72%
Prata	24,75	-6,27%	-6,02%	75,54%	52,54%	60,07%
Cobre	4,04	-1,26%	15,05%	80,49%	33,92%	85,33%
BBG Agriculture*	55,41	-3,30%	4,92%	35,73%	6,87%	-

*Exchange Trade Note

Obrigações

Índice	Fecha	MTD	YTD	Var.-1Y	Var.-3Y	Var.-5Y
BBG Euro Treasury*	67,16	0,21%	-2,38%	1,99%	7,02%	6,74%
BBG Euro Corp*	59,82	0,48%	-1,11%	7,63%	4,27%	5,57%
Markit Euro HY*	87,18	0,86%	-0,14%	13,12%	1,80%	6,72%
Benchmark Euro Govt 10Y	1,03	0,26%	-2,63%	-1,75%	2,85%	-0,36%
BBG Global Treasury*	94,49	2,42%	0,09%	-11,68%	11,61%	-0,80%
BBG US Corp*	30,80	0,00%	0,00%	5,87%	22,11%	12,04%
BBG US Corp HY*	108,80	0,59%	-0,13%	14,84%	1,16%	5,89%
Benchmark US Treasury 10Y	94,41%	-3,06%	-5,22%	-12,54%	-5,67%	-4,34%

*Exchange Trade Funds

Yields	31/03/2021	26/02/2021	31/12/2020	31/03/2020	29/03/2018	31/03/2016
Benchmark Euro Govt 10Y	-0,32%	-0,26%	-0,58%	-0,46%	0,49%	0,16%
Benchmark US Treasury 10Y	1,72%	1,46%	0,91%	0,70%	2,74%	1,78%